

O Primeiro Cirurgião de Santa Catarina

por Walter F. Piazza *

Os estudos históricos setoriais, no Brasil, ainda são incipientes, e é com este pensamento que oferecemos esta modesta contribuição à História da Medicina *.

Estudioso da medicina no Brasil-Colonial afirma: ¹

“... No Brasil Colonial só existiam médicos oficiais pertencentes às milícias ou às câmaras. Os nomes que se registram de médicos dessa época são todos de profissionais com missão ligada à tropa ou ao mundo oficial”.

E dá, ainda, a sua contribuição:²

“A ação dos cirurgiões cifrava-se em amputar, ressecar, desarticular, reduzir a luxação e a fratura, ligar artérias e veias, lancetar abcessos e tumores, colocar aparelho em membro fraturado e as demais operações que o cirurgião barbeiro seu inferior podia fazer”.

E, complementa:

“O instrumental cirúrgico era o estritamente necessário para a execução dessas operações. O “estojão cirúrgico” continha: lancetas, agulhas, pinças, cautérios, tesouras, fios, etc. Este estojo juntamente com a “caixa de botica” fazia parte de sua bagagem profissional”.

* Este escrito é dedicado, em especial, aos confrades Manoel Xavier de Vasconcellos Pedrosa e Lycurgo de Castro Santos Filho, dedicados cultores da História da Medicina.

1 PEDROSA, Manoel Xavier de Vasconcellos. *O exercício da medicina nos séculos XVI, XVII e primeira metade do século XVIII no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 4º Congresso de História Nacional, (1949), v. 8, 1950. p. 255.

2 Pedrosa, cit. p. 264.

* Professor Titular do Departamento de História.

Como, entretanto, não se teve, ali³, notícia do primeiro cirurgião que trabalhou em terras catarinenses, Paulo Lopes Falcão, aqui se o focaliza.

Sobre ele havia, até pouco tempo, uma ligeira nota⁴, onde é feita uma retrospectiva sobre a passagem ou existência de “físicos” pelas terras catarinenses, assinalando que os teve, em 1504, na expedição de Binot Paulmier de Gonneville, na pessoa de Nicole Lefévre, e depois, em 1526, na expedição de Sebastião Caboto, onde anota Hernando de Alcazar e os “cirurgiões” Mestre Juan, Pedro de Meza e Hernando de Molina, bem como um boticário, Diego Nunez.

E, sempre, passageiramente, e, aqui, não permaneciam.

E foi assim que só a partir do século XVIII tem-se a presença de um cirurgião em Santa Catarina.

O Brigadeiro José da Silva Paes ao assumir o Governo da “Capitania da Ilha de Santa Catarina” vai, pouco a pouco, solicitando à Corte de Lisboa ou ao Governo do Rio de Janeiro providências para que possa dar bom desempenho ao seu mandato.

Dessa forma, em carta de 30 de abril de 1739, dirigida ao Governador interino do Rio de Janeiro, Mestre-de-Campo Mathias Coelho de Souza, expõe:

“Como se achão n‘esta Ilha (de Santa Catarina) mais de 900 pessoas e não ha medicos nem cirurgião, nem botica, nem na distancia de 60 legoas, peço a V.S. queira mandar para aqui o cirurgião mulatinho, e huma botica para se poder acudir a quaesquer incidentes precisos e sabe V.S. a menos número de gente se dá esta providencia, e eu a não trouxe quando vim por entender, que aqui havia hua, e outra couza que não há. Espero dever a V.S. queira mandar o dito Cirurgião porque sey tão bem entende de medicina”.⁵

3 PEDROSA, cit. p. 261,262 e 263 lista “Físicos e cirurgiões no Brasil Colonial”.

4 BOITEUX, Lucas A. alte. Licenciado Paulo Lopes Falcão. *Anuário Catarinense*, Florianópolis, 5: 74-75, 1952

5 AHU. (abbreviatura para designar o Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa). Núcleo *Rio de Janeiro*, doc. nº 10.861.

Tal papel foi enviado pelo Governador interino do Rio de Janeiro, Mathias Coelho de Souza, ao efetivo que se encontrava em Minas Gerais, na vila do Tejucu (hoje Diamantina), e era Gomes Freire de Andrade, que aprova a nomeação de um médico e sugere se lhe mande pagar o soldo que vencia o Cirurgião de um batalhão. Isto a 28 de junho de 1739⁶.

Com este parecer favorável foi o expediente enviado à Corte de Lisboa, que o submeteu ao Conselho Ultramarino, que o aprovou, a 22 de fevereiro de 1740, como “havia requisitado o Brigadeiro José da Silva Paes, encarregado a fortificação daquela Ilha”⁷ e mereceu o beneplácito do Rei, a 20 de maio de 1740.

E é em função deste despacho que se nomeia Paulo Lopes Falcão, então na Colônia do Sacramento, cirurgião do “Presídio da Ilha de Santa Catarina”.

Ele próprio, Paulo Lopes Falcão, se intitulava “Cirurgião-anatomico aprovado”⁸, que igual a outros “seguiram um curso teórico-prático em hospitais, submeteram-se a exame e obtiveram “carta” que lhes outorgava o direito de exercerem toda a cirurgia e a própria Medicina, onde não houvesse físicos”⁹.

Servira, Falcão antes, na Armada Real.

Embarcado no iate *São João Batista*, com a tropa de infantaria a mando de Alvaro de Brito do Rego, “Alferes do Mestre de Campo Manoel de Freitas da Fonseca, da guarnição do Rio de Janeiro”¹⁰, chegou à Colônia do Sacramento a 12 de junho de 1736.¹¹

Ali, embarcado naquele iate, assistiu ao assédio de embarcações castelhanas àquela Praça e colaborou na reação, com o iate armado em guerra, realizando várias diligências no Rio da Prata, e combatendo os

6 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*, doc. nº 10.862.

7 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*, doc. nº 10.860

8 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*, doc. nº 19.283.

9 SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo, HUCITEC — Editora USP, 1977. v. 1, p. 304.

10 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.272 (atestado passado por Alvaro de Brito do Rego).

11 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.277 (atestado passado pelo Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, “Governador da Praça da Nova Colônia do Sacramento”).

inimigos e depois atendendo a todas as necessidades de apoio e abastecimento àquela Colônia, indo, inclusive, buscar alimentos na Ilha de Santa Catarina, e como “cirurgião do dito paquete” Paulo Lopes Falcão, “o qual valerosamente se mostrou nas ocasiões dos combates, acudindo as fainas marítimas, quando tinha ocasião, sem faltar a sua obrigação, acudindo muito prontamente com caridade e zelo aos seus doentes e outrossim depois que lhe ordenei ficasse em terra, em 29 de outubro de 1737, tem assistido todo este povo, como são cazaes e destacamentos do Rio, Bahia e Pernambuco, tanto em suas casas, como nos hospitais, em o qual tão bem fez algumas anatomicas em corpos cadaverosos, estando sempre prompto, assim de noute como de dia, para acudir algú accidente que se oferecia.”¹²

E, neste ponto, outros, também, o afirmaram e confirmaram, unanimemente, a sua caridade e o seu zelo.¹³

A sua permanência na Colônia do Sacramento o foi por cinco anos.¹⁴

Aportou à Ilha de Santa Catarina a 21 de dezembro de 1740.¹⁵

Chegado à póvoa de N. Sra. do Desterro, na Ilha de Santa Catarina, passou a servir como 1º Cirurgião no Hospital.

Paulo Lopes Falcão como cirurgião-mor do “Presídio” da Ilha de Santa Catarina atesta, a 25 de setembro de 1744, sobre o estado de saúde do Governador interino, Pedro de Azambuja Ribeiro¹⁶, que, por sua vez, lhe atestara os Serviços “com muito zello e grande caridade sem

12 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.277, cit.

13 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.278 (atestado de Manoel Botelho de Lacerda, “Mestre de Campo do Terço da guarnição da Praça da Nova Colônia do Sacramento”); doc. nº 19.273 (atestado de Luiz de Sousa Correya, “Alferes de infantaria paga da Cia. do Capitão Valentim Pereira do Pilar, do Terço da Cidade de Olinda”); doc. nº 19.274 (atestado de Manoel Roiz Campello “alferes de infantaria paga da Companhia e Terço do Mestre de Campo João da Motta, do Recife de Pernambuco”); doc. nº 19.275 (atestado de Manoel Roiz, “capitão de hua das companhias de artilharia da Praça da Cidade da Bahia”); e doc. nº 19.276 (atestado de Manoel de Lima”, capitão de artilharia do Terço novo na Cidade do Rio de Janeiro”).

14 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.270.

15 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Caixa nº 49, doc. nº 63 (declaração de Paulo Lopes Falcão, datada de 27.08.1749) e Doc. nº 19.271 (atestado de Manoel Roiz de Araujo, “Comissário de mostras do Presidio da Ilha de Santa Catarina”, datado de 15.04.1753).

16 AHU. Núcleo Santa Catarina. Caixa nº 1, doc. s/nº.

nelle haver a minima falta.¹⁷

Atesta, por sua vez, o Brigadeiro José da Silva Paes que já encontrara Paulo Lopes Falcão como cirurgião do Presídio da Ilha de Santa Catarina, ao retornar a 11 de março de 1746, da Colônia do Sacramento, onde fora em socorro daquela Praça¹⁸, e atendeu aquele cirurgião aos açorianos e madeirenses que chegaram a Santa Catarina, para a povoarem, de 1748 a 1756, “com todo zello, caridade sem ter delle a menor queixa cuidando de todos os enfermos não só no que pertence a sua profissão e practica mas também a que pertence aos cuidados do medico formado pello não haver neste Prezidio, e ser elle só o unico cirurgião que aqui se acha com dez mil reis por mez para curar as tropas”.¹⁹

E dos seus trabalhos no “Prezidio” da Ilha de Santa Catarina, também atestou o segundo Governador da mesma, Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, afirmando “não só tem assistido aos enfermos militares e que vencem soldo pela Fazenda Real mas a todos os novos povoadores que por ordem de Sua Magestade tem vindo para esta Colônia passando de mil doentes os que no decurso deste tempo tem estado, sem que o suplicante haja faltado a assistir todos, preparando por suas mãos remédios, enquanto não houve Boticário, havendo ocasião em que se achou com mais de duzentos doentes juntos.”²⁰

Com a reorganização das forças militares pelo Governador Francisco de Souza de Menezes, Paulo Lopes Falcão passou a exercer o cargo de Cirurgião-mor do Hospital, a 3 de novembro de 1769 e depois da invasão espanhola, em 1777, passou a exercer o cargo de Cirurgião-mor do Regimento de Infantaria de Linha da Ilha de Santa Catarina, a 1º de setembro de 1778, com o soldo mensal de 11\$000.

Em dezembro de 1746 requerera terras de dez braças craveiras e palmo e meio de chão no Vinagre, para levantar casa, o que lhe foi concedido, a 18 de novembro de 1747, pela Câmara Municipal do Deserto e registrado, ali, a 11 de outubro de 1753.

17 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.279 (atestado de Pedro de Azambuja Ribeiro, “Mestre de Campo de Infantaria paga de hum dos Batalhoez que goarnecem a Praça do Rio de Janeiro, a cujo cargo está o Governo da Ilha de Santa Catharina”, datado de 10.03.1742).

18 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.280.

19 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.281.

20 AHU. Núcleo *Rio de Janeiro*. Doc. nº 19.284.

E requereu, também, uma sesmaria na “terra firme”.

O pagamento dos serviços que prestara à Coroa na América do Sul — quer na Colônia do Sacramento, quer na Ilha de Santa Catarina — lhe foi pago, conforme benesse real, datada de Belém, a 10 de março de 1756: “Sou servido deferir ao suplicante com huma ajuda de custo de sesenta mil reis”, após ouvir o Conselho Ultramarino.²¹

O parecer do Conselho Ultramarino, em que o Rei se baseou para a sua benemerência, leva a data de 04 de fevereiro de 1756, e tem alguns aspectos que merecem ser lidos e analisados, para se ter idéia de como a Corte lisboeta olhava os serviços prestados na América. Num parecer de duas páginas tem-se esta conclusão:²²

“Ao Conselho parece que não convem acrescentar o ordenado a este Cirurgião, nem as rendas da Ilha de Santa Catarina o permitem q. atendendo ao trabalho q. acresceu ao supe. V. Mage. seja servido de lhe dar hua ajuda de custo por hua vez somente;

“Aos Conselheiros Antonio Lopes da Costa, Francisco Lopes de Carvalho, e Antonio Freire de Andrade Henriques, parece q. se deve escuzar o requerimento do Supe.

“Ao Con^º Thomé Joaquim da Costa Corte Real parece o mesmo q. ao Govqr.

“Ao Cons^º Alexandre Metelo de Souza e M^{es} parece q. mandando lhe V. Mage. dar hua ajuda de custo ao Sup^e. de sesenta até oitenta mil reis fica bem remunerado do trabalho que lhe acresceu.

“Ao Marquez Preside (Penalva) parece o mesmo q. ao Cons^º Thomé Joaquim da Costa Corte Real, q. a ajuda de custo seja de cento e vinte mil reis como aponta o Govqr. q. saberá avaliar o trabalho do Supe pela notícia q. dele teve.”

Paulo Lopes Falcão nascera na freguesia de Sta. Cruz do Castello, da Cidade de Lisboa,²³ por volta de 1703, sendo filho de Braz Lopes Falcão, natural do Bispado da Guarda, e de Da. Luiza Maria d'Assumpção natural de Lisboa.

21 AHU. Núcleo Rio de Janeiro. Caixa nº 39, doc. nº 19.270.

22 AHU. Núcleo Rio de Janeiro. Doc. nº 19.270.

23 BOITEUX, cit. diz “natural de Sandoval”. Os dados acima utilizados, são do Arquivo Histórico-Eclesiástico da Arquidiocese de Florianópolis, Paróquia de N.Sra. do Desterro, dos termos de batismo de seus filhos.

Paulo Lopes Falcão casou-se, no Desterro, com D. Maria Conceição da Costa (também grafada, em alguns documentos, como Maria da Costa d'Assumpção), natural da Colônia do Sacramento, filha da Agostinho de Deus, natural da freguesia de N. Sra. da Piedade, da Ilha de São Miguel, e de D. Eugênia Maria da Costa (ou dos Santos), natural do Rio de Janeiro (ou da Colônia do Sacramento, como alguns registros).

Desse consórcio nasceram:

1. Marcelino Lopes Falcão, bat. a 11.06.1765, na freguesia de N. Sra. do Desterro da Ilha de Sta. Catarina. Foi ajudante de cirurgia no Regimento de Infantaria de Linha da Ilha de Santa Catarina, de onde obteve baixa a 13.07.1780.

2. Joana, bat. a 05.09.1766, na mesma freguesia de N. Sra. do Desterro, servindo-lhe de madrinha Dona Joana de Gusmão — a “Beata”, no dizer do povo desterrense — (irmã dos beneméritos Alexandre e Bartolomeu de Gusmão).

3. Inácio, bat. a 14-06-1768, na mesma freguesia.

4. Luiza Joaquina da Conceição, bat. a 20.12.1769, na mesma freguesia. Casou-se, a 12.03.1795, com o alferes Joaquim dos Santos Xavier, o Marmelo, bat. a 17.12.1770, filho do Capitão Antônio dos Santos Xavier e de D. Rosa Maria da Silva. Tiveram os seguintes filhos:

4.1. Antônio, bat. a 17.06.1796

4.2. Maria, fal. a 21.01.1798.

4.3. Inácia, bat. a 14.04.1800.

4.4. Carlota, fal. a 19.06.1810.

5. João Lopes Falcão nascido, aproximadamente, em 1771. Em 1815 era Professor de primeiras letras no Desterro. Teve o posto de Major da Guarda Nacional. Casou-se, a 09.01.1804, com D. Francisca Romana Pureza de Souza, nat. do Desterro, filha do Tenente Francisco Machado de Souza e de D. Ana Francisca Flora de Faria. Faleceu João Lopes Falcão, no Desterro, a 26.05.1854, “com 95 anos de idade”, e D. Francisca Romana, faleceu na mesma cidade, a 10.02.1818, “de parto”, com 39 anos. Desse enlace nasceram:

5.1. Carlota, nasc. a 29.11.1804, bat. a 07.12.1804 e fal. a 22.04.1806.

5.2. Cezária, nasc. a 11.12.1805 e bat. a 24.12.1805.

5.3. Sergio, nasc. a 09.09.1807, bat. a 21. 09. 1807 e fal., “de

variola'', a 07.06.1809.

- 5.4. Carlota, nasc. a 04.09.1809, bat. a 12.09.1809, e fal. a 19.06.1810.
- 5.5. Sergio Lopes Falcão, nasc. a 22.04.1811 e bat. a 07.05.1811. Formado em direito, exerceu na Província cargos de nomeação e de eleição. Deputado provincial na 7a. (1848-1849), 13a. (1860-1861), 21a. (1876-1877) e 22a. (1878-1879) legislaturas. Chefe de Polícia da Província, em 1873. Procurador Fiscal da Província, nomeado a 06.10.1860, exercendo-o até 19.08.1868. Casou-se, a 28.05.1853, com D. Maria José do Valle, nat. da cidade do Desterro, filha do comerciante José Maria do Valle e de D. Tomásia da Luz do Valle. Sergio Lopes Falcão faleceu a 14.08.1882, com 71 anos.

Desse consórcio nasceram:

- 5.5.1. Maria Augusta, nasc. no Desterro a 10.01.1855 e bat. a 21.04.1855. Casou-se, a 08.04.1874, com Manoel Ferreira de Mello.
- 5.5.2. (Filho) nascido a 12.04.1861, bat. a 03.11.1861 e falecido, "de febre amarela", a 28.05.1886.
- 5.5.3. João, nasc. a 04.06.1864 e bat. a 18.06.1865.
- 5.6. Carlota da Pureza, nasc. a 03.03.1813 e bat. a 20.03.1813. Casou-se, a 12.06.1852, com José Joaquim Machado.
- 5.7. Luiza Eugênia da Pureza, nasc. a 16.11.1814 e bat. 15.12.1814, casou-se, a 21.09.1830, com o Alferes, depois Ajudante, Anacleto dos Reis Coutinho, bat. a 12.04.1800 ou 24.03.1800, no Desterro e falecido, também, no Desterro, a 25.07.1845, filho do Major Joaquim dos Reis Coutinho e de D. Felizarda Matildes Boaventura, ambos naturais do Desterro. Foram seus filhos: 9.7.1. Luiz dos Reis Falcão, nascido no Desterro, a 05.08.1831 e bat. na mesma freguesia, a 10.12.1831. Militar, atingindo o generalato. Foi membro do Governo Provisório do Desterro, de 29.12.1891 a 01.03.1892. Faleceu, no Rio Grande do Sul, a 10.08.1899 (sua biografia em: BOITEUX, Henrique. *Santa Catarina no Exército*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1942, 1ºv., p. 381-399).
- 5.7.2. Carlos dos Reis Falcão, nascido em abril de 1834, no Desterro, e ali batizado a 26.07.1834. Foi casado com D. Francisca Maurícia Xavier, no Desterro, a 23.04.1861.

- 5.7.3. Francisco, nascido, no Desterro, a 04.11.1836 e, ali batizado a 22.04.1837.
- 5.8. Francisca Romana da Pureza, nasc. a 08.02.1818 e bat. a 20.12.1818, casou-se a 08.09.1833, com o Major Manoel Inacio de Simas, filho de Domingos Antonio de Simas e de D. Delfina Rosa, nat. da Ilha do Pico. Passaram a residir em Paranaguá.
6. Guiomar, nascida, no Desterro, aproximadamente, em 1775, e falecida no Desterro, com 77 anos, a 21.02.1853.
7. Eugênio Joaquim Falcão, nascido, no Desterro, aproximadamente, em 1781, tendo ali falecido, com 62 anos, a 03.05.1843.

Da sua passagem pela Colônia do Sacramento teve Paulo Lopes Falcão de D. Antonia de Morais, natural daquela Colônia, um filho natural chamado Inácio, nascido a 23 de agosto de 1740 e ali batizado.²⁴

Paulo Lopes Falcão faleceu a 05 de maio de 1796, com 93 anos de idade, na Vila do Desterro, sendo sepultado na “Capela da Ordem de São Francisco”²⁵, enquanto sua esposa, D. Maria da Costa d’Assumpção, lhe sobreviveu e faleceu na, já então, cidade do Desterro, a 19 de outubro de 1834, com 86 anos.²⁶

Com a morte de Paulo Lopes Falcão, entre outros, pleiteou substituí-lo, como cirurgião das tropas na Ilha de Santa Catarina, Inácio Joaquim de Paiva, por requerimento de 15 de dezembro de 1796, submetido ao Conselho Ultramarino, e dirigido à Rainha, D. Maria I²⁷, fazendo-se acompanhar de declaração do Ouvidor e Corregedor da Comarca da Ilha de Sta. Catarina, Lourenço José Vieira Souto, da necessidade dos seus serviços na cidade' do Desterro, além de outros sobre a sua competência.²⁸

Tem-se, assim, o início do exercício sistemático da Medicina, em terras catarinenses.

24 RHEINGANTZ, Carlos G. Os últimos povoadores da Colônia do Sacramento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, separata, 1951. p. 425.

25 L. 5º de óbitos “de brancos”, fls. 76v., da Freguesia de N. Sra. do Desterro (Arquivo Histórico-Eclesiástico da Arquidiocese de Florianópolis).

26 RHEINGANTZ, cit. p. 338, dá-lhe o nascimento em 24.09.1747 e batizado a 07.10.1747 (L., 2º p. 53 v.).

27 AHU. Núcleo Santa Catarina. Caixa nº 5. doc. nº 47.

28 AHU. id. id.